

BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO GÊNERO FEMININO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

BENICASA DE OLIVEIRA, Adriana¹
LIMA DE APARECIDA, Erica²
ALVES, Alex Pereira³

RESUMO: Atualmente sabe-se que as aulas de Educação Física são de suma importância tanto para o desenvolvimento pessoal do aluno, quanto para promover uma interação. Entretanto, juntamente com a aplicação de exercícios nas aulas, tem-se notado práticas de *bullying* entre os alunos, sobretudo com vítimas alunas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Diante deste quadro, o presente estudo tem como objetivo evidenciar através de uma revisão bibliográfica as diferentes formas de conflitos, em alunas do Ensino fundamental II, identificar quais as consequências que podem ocorrer, buscando informações necessárias para esclarecer o que é o *bullying*, como acontece nas escolas, qual a realidade dos alunos e como os professores durante as próprias aulas, podem identificar possíveis vítimas e agressores, quais os problemas para o processo de ensino e aprendizagem. Diante desse estudo, verificou-se que, é fundamental adequar as aulas de Educação Física e também é necessário que todas caminhem juntos, escola, família e professores, assim será possível que os alunos se sintam mais confiantes para enfrentar, possíveis problemas como o *bullying* e possíveis medidas a serem tomadas perante as aulas de Educação Física com o intuito de diminuir essa prática e promover a igualdade e a cooperação entre os alunos.

Palavras-chave: Educação Física; *Bullying*; Gênero Feminino; Fundamental II.

1. INTRODUÇÃO

Os conflitos no ambiente escolar durante as aulas de educação física podem ser os fatores que geram a exclusão entre os alunos no Ensino Fundamental II, desta forma este estudo poderá ser de fundamental importância para contribuir para a socialização dos educandos durante as atividades propostas. A atividade física pode ser fundamental para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Por meio dessa disciplina os alunos têm a possibilidade de socializar e interagir entre si, criando um ambiente saudável para o desenvolvimento de suas habilidades. Este estudo será realizado através de uma revisão bibliográfica, com livros, artigos científicos e internet.

¹ Acadêmica do Curso de Educação Física da FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré- 18700-902-Avaré SP. adriana.ebimael@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Educação Física da FIRA-Faculdades Integradas Regionais de Avaré- 18700-902-Avaré SP. Ericaap292@gmail.com

³ Professor docente do curso de Educação Física da FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré- 18700-902 Avaré SP alexed.fisica@hotmail.com

Nesse sentido Rocha (2016), aponta os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser – os pilares que dão base ao ensino, caracterizam-se por contemplar questões relativas ao conhecimento, bem como o próprio relacionamento humano, relacionando qual é o efetivo papel do cidadão e o objetivo para uma vivência mais saudável.

Durante as aulas poderão ser postas em prática as competências e habilidades associadas às dimensões afetivas, cognitivas, sociais e psicomotoras, e internalizar valores que levam para a vida inteira. Contudo, no ambiente escolar paralelo ao bem estar e ao aprendizado, e atrelado ao convívio social está em pauta um assunto sério: o *BULLYING*.

Segundo (ZEQUINÃO, 2016) *bullying* tem como objetivo ferir e magoar a vítima, ocorrendo principalmente de três maneiras: agressões físicas diretas, agressões verbais diretas, e agressões indiretas. As agressões físicas direta estão ligadas a ações individuais onde o agressor por meio de um ato violento atinge fisicamente a vítima; tapas, chutes e empurrões são exemplos desta categoria que abrange qualquer ação que atinge a vítima de forma direta e física. A agressão verbal direta envolve práticas de insultos, principalmente em público, geralmente incluindo provocações, xingamentos, apelidos pejorativos, comentários preconceituosos, ofensivos e humilhantes, e até mesmo ameaças. Já a agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social em um determinado grupo de convivência, prejudicando as relações intersociais da vítima com os pares, assim como sua posição social e sua reputação. Geralmente ocorre por meio de boatos, rumores, ou o ato de simplesmente ignorar a presença da vítima; é comum também o agressor ameaçar outros participantes do grupo para que não tenham contato com a vítima.

Estudos apontam que alunas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, estão cada dia mais sofrendo de *bullying* por diferentes motivos. Muitas deixam de praticar a aula de educação física por simples medo dos colegas. Em situações como esta, o educador físico tem um papel fundamental no que diz respeito a divisão de tarefas, mostrando aos seus alunos meios e soluções para lidar com diversos tipos de cenários, como por exemplo a derrota de uma partida. Propondo alternativas nas vivências de práticas corporais, seja por meio de jogos cooperativos, danças e outras diferentes formas de praticar modalidades esportivas, o educador estará abrangendo todos os alunos e afastando a agressividade e o *bullying* (ZEQUINÃO, 2016).

O presente estudo tem como objetivo evidenciar através de uma revisão bibliográfica as diferentes formas de *bullying* em alunas do Ensino Fundamental II, Identificar quais as

consequências do *bullying* para essas alunas e como isso interfere no convívio social. Além disso, evidenciar o papel do educador físico diante dessas situações.

2- DESENVOLVIMENTO

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem um determinado motivo evidente e que são adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor, angústia e uma relação desigual de poder. Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais (CONSELHO NACIONAL DE SAUDE, 2001).

De acordo com (FANTE, 2005) *bullying* é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto quando não estão presentes. São consideradas práticas de *bullying* direto apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar e desconforto nos alvos. Do outro lado, o *bullying* indireto é gerado através de ações de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas

Segundo Fante (2005) a agressividade nas escolas é um problema universal. O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de uma outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

Nesse diapasão, destaca-se um dos saberes da educação. “Aprender a conhecer” ou “Aprender a aprender”, uma vez que se faz necessário o conhecimento da prática do *bullying*, bem como seu próprio reconhecimento por parte dos envolvidos.

[...] APRENDER a APRENDER. É necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja efêmero, para que se mantenha ao longo do tempo e para que valorize a curiosidade, a autonomia e a atenção permanentemente. É preciso também pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar [...] (SOUZA, 2018).

A importância de estudar o *bullying* nas aulas de Educação Física se dá por ocorrerem um local onde a relação interpessoal acontece de forma mais intensa que nas outras disciplinas. A quadra esportiva é um dos locais na escola onde é possível encontrar situações

desse tipo, principalmente no segundo segmento do Ensino Fundamental, no qual o *bullying* está mais visível (FANTE; PEDRA, 2008).

Alguns comportamentos agressivos são esperados durante a adolescência e podem até mesmo ter benefícios adaptativos. Entretanto, a agressão entre os pares não deve ser negligenciada ou tratada como parte do desenvolvimento. O *bullying* é um problema sério e pode trazer consequências graves aos envolvidos. Pesquisas têm associado a experiência de vitimização à baixa autoestima, sintomas físicos e emocionais, ansiedade, medo, cefaléia, enurese, ausência escolar, depressão, ideias suicidas e suicídio, entre outros (BANDEIRA, 2009).

Os efeitos do envolvimento em *bullying* podem persistir por toda a vida escolar e durante a vida adulta (FANTE, 2005). A adolescência é identificada na literatura como sendo o período de maior ocorrência de *bullying*. Estudos apontam que o momento de maior incidência dos episódios de *bullying* e violência escolar ocorrem entre os nove e os quinze anos de idade (ROLIM, 2008).

Quando pensamos no *bullying*, imaginamos que os personagens desta prática são o agressor e a sua vítima, contudo nos esquecemos daqueles que assistem os espectadores, visto que o agressor sente prazer em praticar a agressão em frente a outras pessoas, para demonstrar sua força e domínio, conforme afirmação de Fante (2005).

[...] é o aluno que presencia o bullying, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor [...]. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário violado, o que pode influenciar sua capacidade de progresso acadêmico e social (FANTE, 2005, p. 73 -74).

2.1 Diferenças de gêneros

A compreensão do outro, a aceitação das diferenças, deve ser o ponto chave para a administração dos conflitos, no caso em tela, em especial, no que se refere à prática do *bullying*, uma vez que, somente conhecendo as diferenças e sendo capaz de compreendê-las, o aluno passará a respeitá-las.

Nesse sentido, verifica-se o pilar do saber “Aprender a Conviver”, vejamos:

[...] É preciso aprender a CONVIVER, a viver junto, a compreender o outro, aceitar as diferenças administrar conflitos. Me arrisco até a dizer que no mundo de hoje, talvez este seja um dos conhecimentos mais valorizados. Uma educação baseada nestes quatro pilares significa o fim do ensino-aprendizagem voltado apenas para a absorção de conteúdos. Significa ainda mais, pois implica em uma educação que liberta que faz crescer, que valoriza o pensar, e isto independe de qualquer

método, metodologia ou linha pedagógica. No mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser **valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los**, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum. [...] (SOUZA, 2018).

Ao relacionar a prática de *bullying* com o gênero nas escolas, autores relatam que alunos do sexo masculino agredem tanto meninos quanto meninas, enquanto as alunas do sexo feminino além de serem agredidas por alunos do sexo masculino, também são agredidas entre as colegas de classe. Ameaças verbais e agressões físicas são mais utilizadas pelos meninos, enquanto as meninas utilizam formas mais indiretas criando apelidos, gerando intrigas e excluindo as amigas de um determinado grupo (BANDEIRA, 2009).

Entretanto Lopes (2005) afirma que as mães dão mais suporte às vítimas de *bullying* que os pais. As mães, agem de maneira mais positiva, são mais empáticas e dão mais suporte. Os mesmos autores observam que quando se trata dos meninos, estes se apresentam com mais agressividade e vitimização, o que proporciona um agravamento no estado da vítima. Os próprios meninos são apontados pelos colegas como mais envolvidos em práticas de *bullying*, tanto como vítimas quanto agressores, comparado às meninas (LISBOA, 2005).

De acordo com Bandeira (2009), o *bullying* afeta diretamente a autoestima e o processo de aprendizagem de meninas e meninos. Porém a autora notou que as garotas sofrem mais com essa situação, tanto as vítimas quanto as agressoras apresentam um aspecto emocional mais frágil que os garotos, onde é possível ver diminuição da autoestima, porém quando o mesmo assunto é direcionado aos meninos, estes apresentam uma menor mudança de autoestima ou inserção social. O grupo de agressores apresenta em média uma autoestima mais alta do que a do grupo das vítimas. Com os meninos, baixos níveis de autoestima estão relacionados ao papel de vítima. No meio desses opostos, o grupo de testemunhas costuma apresentar uma maior média de autoestima comparado ao grupo das vítimas.

Linhares, Faria e Lins (2013) realizaram uma pesquisa onde foi possível analisar que ao trabalhar com os dois sexos e correlacionar com o perfil de *bullying*, quando comparados meninos e meninas, são mais frequentes meninas vítimas (68,8%) e testemunhas (68,2%) e meninos agressores (64,7%) e vítimas/agressoras (44,0%). Dentro do grupo feminino a maioria (40,3%) nunca presenciou a prática, já as que presenciaram (19,5%) se encaixam dentro do perfil de testemunha. Dentro do grupo masculino 40,4% nunca presenciaram e dos que presenciaram agressores e vítimas/agressoras empataram em 19,3%. Logo, têm-se mais meninas vítimas e testemunhas, e mais meninos agressores e vítimas/agressoras.

2.2 *Bullying* entre alunas do Ensino Fundamental II

Entre alunas do sexo feminino, o *bullying* se apresenta por agressões de formas sutis e indiretas, principalmente intrigas, olhares, sussurros, manipulações das relações sociais, dificuldade de inserção em grupos, exclusão, ofensas e difamações. Por serem agressões sutis e aparentemente inofensivas muitas vezes vistas como brincadeiras de crianças para os adultos, essas agressões são mais difíceis de serem identificadas, pois ocorrem de forma mais sutis. “As manifestações entre elas podem ser fofquinhas, boatos, olhares, sussurros, exclusão. As garotas raramente dizem o que as leva a fazer isso. Quem sofre não sabe o motivo e se sente culpada” (SIMMONS, 2004, p. 33).

A literatura sugere que durante o 6º e 9º ano do Ensino fundamental II as alunas do sexo feminino estão criando valores e dão muita importância as amizades e aos ciclos sociais, o que favorece a prática do *bullying*. As meninas criam um círculo de amizade e suas próprias regras, de maneira a influenciar o convívio social e a autoestima. De acordo com Simmons (2004), o medo da rejeição e o da exclusão são os sentimentos que mais prevalecem para uma vítima de *bullying*, a autora, afirma ainda que, toda pessoa, independentemente de ser menino ou menina, sofre igualmente com a exclusão. Afinal, o desejo de todos é de construir amizades e ser aceito pelos grupos.

Jabes e Costa (2014) realizaram uma pesquisa entre alunos do Fundamental II sobre *bullying*, o qual foi constatado que quando realizada uma pergunta sobre o tipo de agressão, as crianças podiam relatar que elas viam de todas as formas, e partiam de qualquer colega de classe, algumas alunas que participaram do estudo disseram que por vezes, as agressões partiram de seus melhores amigos, e outras vezes se disseminaram pelas redes sociais, fazendo com que outros colegas pudessem ver e rapidamente a escola toda soubesse os apelidos grosseiros a quais foram chamadas.

Segundo Bento (2001), as aulas de Educação Física precisam ser ministradas a partir de um aspecto lúdico e adequadas para a idade que se leciona respeitando durante as atividades as capacidades de cada um, e buscando as habilidades e dificuldades dos alunos. O autor ainda afirma que meninas entre o 6º e o 9º ano frequentemente deixam de praticar as atividades por medo dos colegas.

Outro fator importante que não pode ser deixado de lado é o olhar e a colaboração dos funcionários da escola, não apenas dos professores e coordenadores, mas também daqueles que cooperam para que o ambiente escolar seja acolhedor organizado e respeitoso: fazem parte desse quadro os porteiros, bibliotecários, zeladores, inspetores, merendeiros, entre

outros. A sala de aula tradicional, com um professor falante e alunos ouvintes, estão fadadas ao fracasso. Dificilmente o professor conseguirá manter a atenção dos alunos. É a mudança didática que vai proporcionar de fato a interdisciplinaridade, o companheirismo, respeito e adequação ao ambiente (BENTO, 2001).

Destaca-se aqui o pilar do saber referente a “Aprender a Fazer”. Assim, os profissionais envolvidos na educação, devem propor situações das mais variadas possíveis para que o próprio aluno participe diretamente da construção de seu conhecimento, por meio do trabalho em equipe, da cooperatividade, passando, sobretudo, a comunicar-se e resolver seus conflitos de modo flexível.

Nesse sentido, aponta Souza, (2018), vejamos:

[...] aprender a FAZER. As crianças tem verdadeiro fascínio por fazer. Elas querem o tempo todo “fazer coisas”. Não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, **desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade** na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de uma certa dose de risco, saber comunicar-se e resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas (SOUZA, 2018).

2.3 Aspectos emocionais

Pesquisas têm demonstrado que a exposição ao *bullying* no ambiente escolar pode ocasionar diferentes problemáticas ligadas à saúde do estudante: física e mental. Em relação às vítimas e testemunhas, esse grupo se encontra mais propenso a apresentar constante medo, ansiedade, pensamentos de teor negativo, diminuição na autoestima e cenários mais extremos como depressão, autoflagelação e sintomas psicossomáticos (dores de cabeça, tonturas, problemas estomacais, entre outros), além da ideação suicida (PEREIRA, 2008).

Os agressores, por outro lado, têm a tendência de se envolver em casos de violência doméstica, abuso de substâncias psicoativas, vandalismo e práticas infracionais. As consequências do envolvimento em situações de *bullying* podem acompanhar a vida dos alunos e direcionar a maneira que estes atribuem sentidos, significados e respondem às relações sociais para o resto da vida. É importante destacar que, embora as condições crônicas de saúde associadas ao *bullying* possam demorar algum tempo para manifestar, as consequências no âmbito social tais quais a solidão, a exclusão, o baixo desempenho escolar, as faltas reiteradas às aulas, a evasão, e outras, apresentam ocorrência imediata e impactam negativamente na qualidade de vida do aluno e no seu próprio processo de escolarização. Por

isso é importante sempre estar alerta a qualquer manifestação apontada pelo aluno (BANDEIRA, 2012).

Segundo o Ministério da Saúde (2012) mesmo com os efeitos prejudiciais do *bullying*, a maioria das vítimas não costuma falar sobre as agressões sofridas, seja para os familiares ou para os professores. O medo do agressor e o receio de não serem acreditadas pelos adultos ou por desenvolverem a percepção de que é normal a situação em que se encontram, é apontado como o principal fator dessa omissão. Assim, as agressões podem ocorrer por muitos anos sem chegarem aos conhecimentos dos familiares ou alguma autoridade escolar, atrapalhando o desempenho e a qualidade do ensino entre os jovens.

As vítimas transformam-se em adultos inseguros, com problemas de baixo autoestima e uma tendência maior a entrar em estados depressivos. Algumas vítimas acabam no suicídio, enquanto outras se tornam, elas mesmas, em indivíduos violentos e intolerantes. Os agressores, através das relações muito específicas que mantêm, aprendem como a falta de respeito pelas regras e normas de convivência social acabam por entrar numa vida de pré-delinquência, podendo levar a envolvimento com problemas de conduta, drogas, alcoolismo, crimes, e eventualmente a cadeia (FANTE, 2005).

Assim, antes de qualquer coisa, é preciso fazer com que o educando aprenda a SER, destacando o quarto e último pilar da educação.

[...] É preciso também **aprender a SER**, o que necessariamente implica em **educar os ouvidos para ouvir**, e ouvir frequentemente o que não é dito. É **importante desenvolver sensibilidade**, sentido ético e estético, **responsabilidade pessoal**, **pensamento autônomo e crítico**, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo [...] (SOUZA, 2018).

Desenvolver no aluno a sensibilidade é torná-lo capaz de se colocar no lugar do outro, de pensar antes de agir, e, sobretudo, de refletir sobre suas próprias ações.

2.4 Profissionais de Educação Física e o *bullying*

Segundo Fante (2005), o movimento e a expressão corporal dos alunos devem servir como um instrumento de diagnóstico para que se destaquem atos de violência, explícita ou implícita, e de exclusão, esporádicas ou frequentes, nas aulas de Educação Física. A construção de um conjunto coletivo de regras de conduta e critérios de convivência nas aulas podem garantir o comprometimento e o senso de responsabilidade pelo cumprimento destas, aplicando, se estas não forem respeitadas, sanções educativas.

Durante o exercício realizado com os alunos, é importante destacar a necessidade e a importância de exercer a prática social, investindo de modo positivo nas relações interpessoais, pautadas em valores humanos, como a cooperação, solidariedade, respeito, justiça, e aspectos voltados para a construção ética e moral preservada pela sociedade. É, portanto, de extrema importância trabalhar durante o processo de socialização os princípios da igualdade, enfatizando que os direitos sejam distribuídos de modo igualitário para todos, respeitando e portando uma atitude sempre tolerante às diferenças individuais (CHAUI, 2000).

O professor deve ter o cuidado de, em hipótese alguma, se converter em algum tipo de agressor, adentrando assim em uma sintonia com os praticantes do *bullying*. Para isto, deve-se atentar para algumas situações, como: a forma de fazer as correções pedagógicas para não ridicularizar ou rotular alunos; evitar depreciações quanto ao rendimento deles; mostrar preferência ou favoritismo por alguns e indiferença a outros; fazer qualquer tipo de ameaça, perseguição ou comparação entre os alunos; colocar apelidos pejorativos, dentre outras posturas inadequadas. Lembrando sempre de respeitar as desigualdades uma vez que o mesmo é um dos pilares de formação da opinião. Durante as aulas é importante observar se há reclamações dos alunos pois estas são de extrema importância para que seja detectado a presença de *bullying*, sendo assim, não se deve mandar o aluno agir da mesma forma ou ignorar o fato, mas sim, buscar de forma direta os procedimentos adequados e as providências cabíveis (TEIXEIRA, 2006).

Para a interação, é importante utilizar jogos e brincadeiras que utilizem as qualidades individuais de cada aluno, se destaca jogos que usem a cooperação como estratégia para superar situações de conflitos associados ao *bullying*. "O jogo cooperativo busca aproveitar as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplicá-las em um grupo e tentar atingir um objetivo comum". Dessa forma os alunos trabalharão em conjunto e amenizarão as diferenças (AMARAL, 2007).

Esses jogos são capazes de melhorar a autoestima e a convivência, trabalhando as diferenças impedindo que seja alimentado um problema social, antes de se tornarem de fato problemas reais. Nestas atividades os alunos jogam uns com os outros se ajudando em equipe, tornando-se parceiros, solidários em um empreendimento e não adversários; os participantes jogam automaticamente se tornam animados e deixa aflorar a alegria e a espontaneidade de participar, esses atos os permitem trabalhar em conjunto, eliminando as diferenças e desenvolvendo a autoconfiança e cooperação em grupo, dessa forma todos são importantes para o grupo e obrigados a trabalhar em equipe. Assim, as relações sociais e desenvolvendo o

senso de cooperação ficam maiores, todos os jogadores vivenciam um sentimento de vitória e estimulam a perseverança frente às dificuldades enfrentadas (BROTO, 2001).

Segundo Morin (2005), promover "gincanas de solidariedade" que estreitem relações, sensibilizando para valores humanos entre os integrantes do grupo, gerando visitas ou vivências em orfanatos, asilos e entidades de assistência social. Elaboração de peças teatrais, dramatizações, histórias cujos conteúdos envolvam valores morais, éticos e estéticos visando a reflexão do grupo e a vivência dos alunos em inversões de papéis, para que observem o outro lado da situação. São exemplos para manter a união entre a sala de aula.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying no que se refere às meninas, por alguns autores são comportamentos explícitos e explosivos a ponto de chamar a atenção de todos, como ocorreria em uma agressão física, que é mais difícil de camuflar. Outro fator observado foi que meninas tendem a convencer mais outras pessoas para realizar o *bullying* quando comparadas com os meninos, realçando a necessidade de complacência.

Ficou evidente também que o *bullying* têm prejudicado o aprendizado, e merece atenção tanto dos professores como da equipe escolar, tendo como objetivo comum minimizar as diferenças e as brincadeiras agressivas, objetivando a igualdade entre os gêneros.

Dessa forma, fica explícito a necessidade de adequar às aulas de Educação Física para trabalhos em grupos onde sejam utilizadas e postas em práticas as melhores características individuais de cada um, não permitindo ou dando espaço para que supostas fraquezas sejam alvos de brincadeiras entre os colegas.

Como referenciado no trabalho, existe uma grande possibilidade de insucesso no âmbito social para as vítimas de *bullying*. Diante desse fenômeno, se faz necessário que todos caminhem juntos – escola, família e professores, assim, sendo possível que os alunos se sintam mais confiante para enfrentar possíveis problemas de forma clara, impedindo a disseminação do *bullying* e permitindo que cada um tome as devidas providências de maneira clara e cabível dentro da sua posição. Desta forma sugerimos futuras pesquisas de campo para mensurar de forma quantitativa e qualitativa as implicações causadas pelos conflitos no ambiente escolar.

4. REFERÊNCIAS

AMARAL, P. N., et al. **Respostas à violência na escola: uma perspectiva sociológica**. Tese de Doutorado, 2007.

BANDEIRA, C. M. **Bullying: autoestima e diferenças de gênero**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, C. de M. et al. **Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros**. 2012.

BENTO, J. Da legitimação da educação física. Educação Física. **Coleção Prata da Casa**, v. 11, p. 9-32, 2001.

BROTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos. SP: Editora Projeto Cooperação, 2001.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência**. 2001. Ministério da Saúde. http://conselho.saude.gov.br/comissao/acidentes_violencias2.htm. Acesso em: 18 mai. 2018.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Verus Editora, 2005.

JABES, V. R. G.; OLIVEIRA, C.; JAQUELINE, B. O *bullying* escolar na perspectiva do gênero masculino e feminino. In: **Colloquium Humanarum**, p. 63-78, 2014.

LINHARES, R. D.; FARIA, J. P. O.; LINS, R. G.. O *bullying* na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 2, 2013.

LISBOA, C. S. de M.. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. 2005.

LOPES, A. A. N. *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, p. 164-172, 2005.

Ministério da Saúde (BR). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar** [online]. Brasília (DF): IBGE; 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/pense_2012.pdf. Acesso em: 16 mai. 2018.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

PEREIRA B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. 2ª ed. Braga (Portugal), 2008.

ROCHA, B. **Os Quatro Pilares da Educação**. Supera Neuroeducação. Maio de 2016. Disponível em: <https://superaparaescolas.com.br/os-4-pilares-da-educacao/> Acesso em: 14 nov. 2018.

ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

SIMMONS, R. **Garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SOUZA, L. M. **Os quatro pilares da educação** – Rubem Alves, 2018. Disponível em: <https://www.soescola.com/2018/07/os-quatro-pilares-da-educacao.html>. Acesso em: 14 nov. 2018.

TEIXEIRA, G. **Transtornos comportamentais na infância e adolescência**. Rio de Janeiro: Rubio, 2006.

ZEQUINÃO, M. A. et al. **Bullying** escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.